Entrevista

Altevir Cequinel

Motorista: O lobo da estrada

Nos trechos perigosos a única esperança é Deus

por Luz Marina Leon Bordes

A solidão e o perigo fazem parte do dia a dia do motorista de caminhão. Porém, para Altivir Antonio Cequinel ser caminhoneiro significa liberdade. Viajar, conhecer novas pessoas e lugares, compensam a solidão e as dificuldades enfrentadas na estrada.

Casado, pai de 3 filhos, Altivir exerce a profissão há 17 anos e apesar de gostar muito do que faz, não deseja que seus filhos sigam o mesmo caminho.

Hoje, tenta conduzí-los ao exercício de outras profissões onde os perigos não sejam tão evidentes.

Contudo, afirma jamais deixar de viajar pois para ele o mais importante na vida é fazer aquilo que gosta.

FOLHA — *Por que o senhor escolheu a profissão de caminhoneiro?*

ALTIVIR CEQUINEL. — Sou um amante da liberdade. Não gosto de horários, da rotina diária, e detestaria ter que bater cartão. Além disso sempre gostei de viajar e acredito que a gente deve fazer aquilo que gosta, do contrário não vale a pena.

FOLHA. — *E ser caminhoneiro vale a pena?*

CEQUINEL. — Como toda profissão, tem suas vantagens e desvantagens. Vale a pena porque permite que se conheça lugares diferentes e além disso, proporciona o contato com diversas pessoas. É uma vida completamente diferente da de um operário de fábrica, por exemplo. Como desvantagem eu vejo a distância, a falta de contato diária com a família. Sinto não poder atender meus filhos, juntamente com minha mulher, pois em geral fico de uma a seis semanas viajando.

Sou um amante da liberdade. Detestaria ter que bater cartão

FOLHA. — *Sente solidão?*

CEQUINEL. — Não é bom sentir solidão. Quando a viagem é longa, normalmente minha mulher me acompanha. Quando meus filhos estão em férias viajamos juntos. Porém, isto não acontece com freqüência, geralmente estou sozinho.

FOLHA. — *Existe união entre os caminhoneiros?*

CEQUINEL. — Existia. Hoje já não existe mais. Antigamente se você tivesse que ficar parado durante três dias, poderia haver um companheiro que permanecesse ao seu lado. Hoje, a vontade de vencer, a ganância, não permitem que haja companheirismo. O importante é chegar o mais rápido possível ao seu destino. Se antes alguém seria solidário a você durante três dias, hoje não ficaria nem duas horas. Já não se fazem mais caminhoneiros como antigamente.

Cequinel: "não quero que meus filhos sejam caminhoneiros"

Hoje, a vontade de vencer, a ganância, não permite que haja companheirismo

FOLHA. — *E os perigos da estrada?*

CEQUINEL. — Nunca fui assaltado mas este é o meu maior medo. Contudo, ando mais ligado que a TV Globo. O perigo existe em todo lugar, é preciso escolher locais adequados para pernoitar. Normalmente escolhemos os postos de gasolina que tem no mínimo 3 seguranças. Existem postos, porém, que você é assaltado dentro do pátio.

FOLHA. — *Na hora do perigo qual a sua reação?*

CEQUINEL. — Eu confio em Deus, sou extremamente católico. Em trechos perigosos, nunca sabemos o que pode acontecer, então a única esperança é Deus e São Cristovão que é o nosso protetor.

FOLHA. — *Você sempre participa da Festa de São Cristovão?*

CEQUINEL. — Eu nasci no dia 25 de julho, dia de São Cristovão. Até hoje em apenas uma festa eu deixei de participar porque estava viajando.

FOLHA. — *Existe algum cantor preferido pelos caminhoneiros?*

CEQUINEL. — Não. Eu, particularmente não tenho preferência por nenhum em especial. Quanto à música, quando estamos na estrada ouvimos a sertaneja e na cidade mudamos para FM. Tenho um amigo que fala: "estamos chegando na cidade, muda para FM".

FOLHA. — *Seu pai também foi caminhoneiro, houve aí, alguma influência da parte dele para que o senhor seguisse a profissão?*

Na estrada, ando mais ligado que a TV Globo

CEQUINEL. — Não. Sua época foi muito sofrida, as estradas eram péssimas e ele teve que enfrentar muitas dificuldades. Sempre pediu que eu não seguisse o mesmo caminho, porém, desde menino eu pegava tampas de panela, imitando um volante e saia brincar de caminhoneiro.

FOLHA. — *Se um dia seus filhos decidirem seguir a mesma profissão, o senhor aprovaria?*

Já não se fazem mais caminhoneiros como antigamente

CEQUINEL. — Tenho dois filhos que já optaram por esta profissão. Um deles ainda é muito jovem, porém, eu tento conduzí-lo por um outro caminho. Tenho medo do perigo que eles terão que enfrentar. Antigamente rodar pelas estradas era mais fácil, hoje não existe tranqüilidade. Não quero que meus filhos sejam caminhoneiros, prefiro que sigam uma profissão mais segura.

FOLHA. — *O senhor poderia ter seguido outra profissão?*

CEQUINEL. — Não. Ainda é cedo para eu pensar em aposentadoria, mas sei que mesmo quando chegar a hora vou continuar viajando. Minha vida é esta, não saberia fazer outra coisa.

FOLHA. — *Quanto ao lazer, quais suas atividades preferidas?*

CEQUINEL. — Adoro freqüentar bailes, gosto muito de dançar. Porém, o que gosto mesmo é curtir a minha casa.

Minha vida é esta. Não saberia fazer outra coisa.

FOLHA. — *Existe algum fato interessante ocorrido com você na estrada?*

CEQUINEL. — Às vezes a gente dorme no volante e isto já aconteceu comigo. Porém, dormindo, eu vi algumas pessoas na estrada e parei o caminhão. Nesta hora eu acordei, olhei para a pista mas não havia ninguém. Como sou bastante católico, acredito que foi um aviso para que eu acordasse.

FOLHA. — *Que conselhos o senhor daria para os futuros caminhoneiros?*

CEQUINEL. — Nunca rodar sozinho na estrada. Procurar viajar sempre acompanhado por outro caminhão e principalmente, nunca parar sozinho no acostamento. Quando dois ou mais caminhoneiros viajam juntos, o perigo é bem menor.

ARTIGO

Escola-minha vida

Francisco de Lima

A vida traz a cada ser humano, seja ele qual for, um objetivo, um ideal, uma profissão, uma missão, valorizando-o no seu viver.

O horizonte da vida para uns está mais próximo, para outros, mais distante. Mesmo assim, todos e cada um, recebem a faculdade de distingüí-los e alcançá-los, com maior ou menor dificuldade, dependendo exclusivamente da sua força de vontade e do seu querer, é só aceitar. Em princípio, nosso objetivo se nos apresenta com certa dificuldade, depois vai desaparecendo e nos tornamos verdadeiros artistas, executando nossas tarefas com amor e alegria, justificando assim, a razão da nossa vida, valorizando-a e aproveitando dela para a realização dos nossos ideais, dos nossos sonhos, para que sejam repartidos com nossos semelhantes.

Parece que a minha vida foi assim determinada, tendo no seu caminho certa luz, responsável pela sua iluminação. Minha vida, no princípio, trabalhosa aos pais que com grande amor me acalentaram, ensinando-me os primeiros passos físicos, religiosos, morais e intelectuais, para que eu pudesse andar firme. Infância bem amparada, capaz de receber a adolescência, na qual fui me afastando da família, encaminhada por ela para o estudo. Não foi fácil a separação. Nos primeiros tempos, na minha cabeça só via cenas de casa: brinquedos, passarinhos, marrequinhos.

Receber cartas e notícias de casa era uma alegria acompanhada de risos e lágrimas. Cada frase me fazia viver cenas familiares. Em Curitiba morava com minha irmã Laura, encontrei também bons amigos, colegas que sempre me entusiasmavam e estimulavam. Quanta saudade! Que tempos deliciosos! Na Escola Secundária, no meio de tantos colegas cheios de entusiasmo e criatividade, fui me adaptando e aceitando a nova vida. Havia aprendido a respeitar e obedecer, principalmente aos mais velhos, por isso sempre encontrei gente boa, angariando amizades de grande valor.

Lutei e consegui colar grau como professor normalista. Agora era preciso lutar pela conquista de uma "Cadeira" no magistério. Com a graça de Deus e a valia dos que tinham esperança em mim, alcancei o almejado.

Nomeado, assumi os compromissos que me eram impostos, a princípio receoso, fui percebendo que era fácil conduzir crianças e adolescentes, fazendo uso das "coisas" que nos personificaram: amor, respeito ao próximo, educação, compreensão, responsabilidade pelas obrigações recebidas, perseverança e o grande desejo de chegar com êxito. Integrado dessa conduta, senti despertar em mim uma nova vida, cheia de entusiasmo, amor pela causa do ensino, pela Escola. Amor vibrante, contínuo, cheio de vivacidade. As aulas eram ministradas como se estivéssemos conversando com a família. Nesse proceder, estimulante do meu entusiasmo e realizações, passaram-se os anos sem que eu percebesse; como eles também, parte da minha vida, da minha juventude e até da velhice. Com grande alegria no coração, faço minhas, as palavras do poeta: — "ENVELHECER SORRINDO COMO AS ÁRVORES FORTES ENVELHECEM". Na verdade envelheci sorrindo porque a Escola, com tantas alterações, não deixou de ser Escola e sempre me fez sorrir. Entregar-se com amor, assumindo a responsabilidade do caminho que o professor deve abrir aos seus alunos, iluminando-os na vereda e vida, é a maior alegria de conquista, que certamente, receberá dos Céus, bênçãos infinitas e a certeza que sua vida valeu a pena ser vivida. Professor! Deus nos ensinou para que pudessemos ensinar.

Ensine o que você aprendeu com Deus. A Escola foi o meu mundo, a minha vida, portanto Deus que é o Senhor do Mundo, é também, Senhor da minha vida. PROFESSOR! Se quiser ser feliz na sua missão: — "Segure na mão de Deus e vai, ELE o sustentará".

Campo Largo, maio de 1986. OTHON CRISTOVÃO CESCATTO.

Publicação feita em comemoração do primeiro aniversário do seu falecimento (08-08-1988).

NOS BAIRROS

Rondinha — um pedaço da Itália

Muito vinho, polenta com raditi e o tradicional rapé mantém a tradição italiana dos moradores

Passados 100 anos de sua colonização, o Bairro da Rondinha mantém ainda acesa a chama da tradição italiana. Os moradores, quase que em sua totalidade, descendentes de italianos, cultuam ainda os mesmos hábitos herdados dos imigrantes que ali estabeleceram-se. O cultivo das uvas para a fabricação e consumo diário do vinho, o uso do rapé, a polenta com raditi, são alguns dos costumes que ainda fazem parte da vida dos moradores do bairro.

HISTÓRIA

Por volta de 1888 os primeiros imigrantes chegaram em Campo Largo estabelecendo-se no Bairro da Rondinha. Com poucas bagagens e uma grande esperança depositada na nova Terra, os imigrantes foram, aos poucos, formando a região que hoje conta com cerca de 175 famílias de origem italiana, conservando os mesmos costumes trazidos pelos seus antepassados. Cada uma delas perpetua a história de um desenvolvimento conseguido com base nas dificuldades ali enfrentadas pelos colonizadores.

Em geral, logo após o desembarque no Brasil, as famílias eram separadas umas das outras seguindo cada qual um destino diferente. Em cada lugar receber um pedaço de terra desprovido de qualquer benfeitoria exigia do imigrante total dedicação. Era preciso, antes de tudo construir as casas e promover o desmatamento para o uso do solo. A lavoura era a atividade a que mais se dedicaram incluindo o cultivo das uvas para fabricação do vinho caseiro.

Este sistema ainda é muito utilizado pelas famílias tradicionais, que não deixam de fabricar e consumir diariamente o vinho, além do suco de uvas. Para eles, esta bebida atua como um remédio que consumido diariamente em pequenas doses, protege o organismo das doenças.

" QUARTEIRÃO DO PASSO

No início o bairro era conhecido como Quarteirão do Passo e mais tarde Colônia Mendes de Sá. A denominação atual surgiu da ronda noturna feita no Moinho do Mate, atual Parque do Mate. Ali os tropeiros chegavam com o gado e pernoitavam tendo sempre alguém encarregado de guarda da região. Dessa ronda surgiu o nome Rondinha.

Ainda hoje as denominações acontecem devido a concentração italiana do bairro. O Ginásio de Desportos da Rondinha é popularmente conhecido como Polentão graças ao tradicional costume italiano no consumo de polenta.

A população é extremamente dedicada à religião católica. As famílias não deixam de freqüentar constantemente a Igreja de São Sebastião da Rondinha que tem no seu interior todas as gravuras conseguidas graças às doações das famílias, cujos sobre nomes ali escritos, identificam a racionalidade italiana.

O grupo de jovens da Paróquia conta com grande número de participantes e o seu nome "Quapasso" tem origem devido a antiga denominação do bairro Quarteirão do Passo.

Igreja da Rondinha — arquitetura européia

O primeiro vigário da paróquia foi o Padre Natal Pigato mas é em torno do Padre João Moreli construtor da torre e doador dos sinos ainda hoje usados na Igreja, é que criou-se uma lenda. Contam os moradores que a noite, quando são acesas as luzes da torre pode-se visualizar perfeitamente a sombra do antigo Padre João Moreli, falecido já há 50 anos.

AUGUSTO VANIN

A casa mais antiga é a de propriedade do sr. Augusto Vanin que faz questão de conservar nela a mesma arquitetura de quase 100 anos atrás. Ali passaram já 5 gerações e a família também não deixa de ter sempre à mesa a famosa comida italiana, além do gostoso vinho caseiro.

Senho Vanin, guarda com carinho todos os pertences de seus antepassados, dos quais fazem parte o pilão para fabricação do rapé, tabaqueiras feitas de osso, pequenos baús trazidos pelos seus bisavós na época da imigração, além do passaporte em cujas inscrições verificam-se a data da partida de Genova em 10 de junho de 1877 e a chegada ao Brasil, um mês depois.

Com sua aparência tranqüila, transparecendo amor e admiração pelos seus antepassados, sr. Vanin faz questão de mostrar e contar cada detalhe da história da formação de Rondinha. Tudo aquilo que lhe foi transmitido e o que acompanhou durante toda a sua vivência no bairro, empenha-se em transmitir e conservar. Até mesmo a lenda a respeito da torre da igreja foi por ele criada, observando da cozinha de sua casa, a sombra formada pelas luzes na Paróquia.

TRADIÇÃO

No último domingo, aconteceu na Paróquia de São Sebastião da Rondinha, a tradicional Festa em louvor a São Cristovão, protetor dos motoristas. O sucesso da festa, obtido há mais de 30 anos, acontece graças a colaboração de todos os moradores do bairro que neste dia dedicam-se totalmente à organização e desempenho da promoção.

(L.M.L.B.)

Especial

Baile na roça

Para qualquer Gene Kelly ficar com inveja, o baile da Dona Neusa e do "Seu" Cindo é um espetáculo à parte na vida dos moradores da redondeza de São Silvestre

Sirley Cardoso

Quem mora na cidade grande não consegue sequer imaginar como é um "baile na roça". Querer narrar com clareza a realidade do baile na roça, pode até soar pretencioso, mas o que vale é o testemunho vivo de pessoas que estiveram lá, prestigiaram, e se contagiaram com a alegria e a leveza da alma dos freqüentadores dos famosos bailes promovidos por "Seu" Cindo e Dona Neuza, na localidade de São Silvestre — 60 quilômetros do centro de Campo Largo. Não há tempestade, mau humor ou inflação que consiga estragar uma festa organizada por eles. Aliás, lá é um lugar que tem fartura, tem muita carne, comida boa, bebida boa, e por isso o fantasma da inflação praticamente não os ronda.

DE BOCA EM BOCA — Quando se chega na casa da Dona Neusa, após umas duas horas de viagem por uma estrada de chão, a gente tem a nítida sensação de que se embrenhou no mato e que não há mais nenhum vizinho por perto. De fato, o primeiro vizinho está a mais de meia hora de caminhada, mas a notícia de que "vai ter baile na casa do Cindo" já está no ar e corre de boca em boca. Vem gente de todo lado. De carona nas caminhonetes, dé fusca, a pé, a cavalo, não importa. Vale o sacrifício de até tomar uma boa chuva para usufruir e se contagiar da alegria do "arrastapé" da Dona Neusa.

No último sábado, o casal ofereceu um almoço para o prefeito de Campo Largo, Afonso Guimarães, seus amigos e para o deputado Neivo Beraldim. Foi uma comilança do meio-dia à meia-noite. E Dona Neuza não parava de "cevar" os seus convidados. Entre uma bebida e outra, o "seu" Cindo arranhava uma viola e cantava canções do repertório sertanejo. Claro, sempre acompanhado dos amadores. Sim, porque depois do terceiro copo até os mais tímidos, como por exemplo o diretor comercial da Folha de Campo Largo, Roney Rodrigues, se transformam em verdadeiros cantores ou "dançarinos".

"Foi uma tarde maravilhosa. Fazia tempo que eu não presenteava meu espírito com tanta coisa boa de uma só vez", confessa satisfeito Afonso Guimarães, que não se cansava, por nenhum momento, de agradecer a hospitalidade daquela família. O deputado Neivo Beraldim ficou até constrangido com tanta acolhida. Sentado à beira do fogão à lenha, Beraldim se regalava com as iguarias de comidas caseiras que lhe foram servidas. "A gente fica até sem jeito. Não há nada que pague tanto carinho", disse ele, acrescentando que naquele momento, sentira saudades dos seus tempos de infância, quando morava no campo.

DE CASA — Lindo Dalarosa, um velho amigo da família, já estava na casa de Dona Neusa, desde a noite de sexta-feira. No sábado de manhã, quando começaram a chegar os convidados, ele foi surpreendido com uma câmera indiscreta que, com seus flashes, perturbou-lhe o sono. Na verdade, o querido "Dala", como é conhecido por aquelas bandas, já é considerado "de casa". Por isso, quando tem festa lá, ele mesmo se convida. Não toca nada, não canta nada, mas sua alegria contagia os demais e, para não perder ponto para os "artistas" da roda, ele engana, batendo com as colheres no joelho tentando buscar a cadência do ritmo da música. Já, o amigo Nelson Rachinski, engana bem no atabaque. Tirando o Cindo, com seu violão e seu repertório sertanejo, o Ênio Kroetz (do Banestado) fez o maior sucesso com o seu sax, dando um tom mais clássico à simplicidade que tomava conta dos convidados do almoço que virou jantar e que acabou em baile.

Affonso atacou de violeiro. Não toca nada, mas engana

DANÇANDO NA CHUVA — De causar inveja a um Gene Kelly, no baile do Cindo aconteceram lances cinematográficos com seus protagonistas dançando na chuva. Lá pelas nove da noite, São Pedro, ignorando que lá em baixo tinha baile e que a lona que cobria a barraca estava furada, mandou chuva para valer. Só que, se ele estava interessado em desmanchar o pesqueiro dos outros, levou uma bela invertida: a galera nem quis saber e botou as cadeiras para requebrar.

Tiveram cenas realmente hilárias. Em pleno meio do baile, o conjunto musical — daqueles com amplificador de som, e tudo mais —, teve que dar uma pausa para limpeza do salão ou do terreiro. É que, de repente estava chovendo mais dentro, do que fora, aí foi preciso arrastar um pouco da lama que se formara no chão, já que os dançarinos, que tanto andaram para chegar até lá, não podiam perder nenhum minuto de música. No final, ao invés de estarem arrastando os pés, estavam amassando barro.

PICA-PAU — Para os apreciadores e colecionadores de receitas de coquetéis e batidas lá vai uma especial do Cindo e da Dona Neusa: Pinga, limão rosa (maduro) e mel puro de abelha. Mexa bem. Pronto: surge uma deliciosa bebida, por eles batizada de "Pica-pau". A assessora do deputado Beraldim, Cleusa Higashi, tornou-se uma das maiores apreciadoras da bebida. Já acanhada de repetir a dose, Cleusa pedia para os amigos para que lhe conseguissem mais um "pica-pau". E quem acabou passando por bebum de "pica-pau" foi o Vinícius Schiavon, assessor de Affonso Guimarães. Ele, sempre que secava o pote, ia buscar mais um para a amiga. "Amigo é pra essas coisas", diz ele. Outro que ficou fã da "pica-pau" foi o presidente da Cocel, Emígdio Stoco. Mas agüentou firme até à noite.

O lado médico pediatra de Affonso sempre fala mais alto quando está perto das crianças.

A festa contou com a presença dos "caipiras da cidade"

Nem mesmo o barro formado pela forte chuva conseguiu acabar com o baile.

Autocecilia
CONCESSIONÁRIA VOLKSWAGEN

CONSÓRCIO NACIONAL VOLKSWAGEN

ADQUIRA O SEU AUTOMÓVEL O KM. SEM JUROS

APROVEITE ESTA OPORTUNIDADE.

GARANTIA DE ENTREGA POR QUEM FABRICA.

ESCOLHA O MODELO E O PLANO.

VEÍCULO	CRÉDITO	MENSALIDADE 25 MESES	MENSALIDADE 50 MESES
SAVEIRO CL	19.386,54	884,02	442,01
GOL CL	19.755,37	900,84	450,42
PARATI CL	24.595,99	1.121,57	560,78
VOYAGE CL	21.316,08	972,01	486,01
SANTANA 2000	34.169,75	1.558,14	779,06
KOMBI ST	25.429,50	1.159,58	579,78

No momento da contemplação você poderá optar por outro modelo e ter a garantia de manutenção do preço pela própria fábrica.

INSCRIÇÕES NA AUTOCECÍLIA

Rodovia do Café, Km. 23, N.o 2722

Fone: 292-1134

Campo Largo — Paraná

ACERVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE CAMPO LARGO - PR